

Cabral falando CD: *João Cabral de Melo Neto por ele*

Um disco com a leitura de poemas pelo próprio autor é antes de tudo um testemunho, no sentido documental. A propósito do lançamento do seu disco e de Carlos Drummond de Andrade, dentro de uma coleção de discos semelhantes lançados pelo selo Festa, Manuel Bandeira em crônica de 27 de novembro de 1955 (“Poesia em disco”), observou: “Inútil é encarecer o valor de tais gravações, sobretudo para o futuro. Imagine-se o que não seria ouvirmos hoje a voz de Gonçalves Dias, a de Castro Alves; ouvir Casimiro de Abreu dizer o ‘Amor e Medo’; Fagundes Varela, o ‘Cântico do Calvário!’”. A seguir, Bandeira refere ter ouvido Bilac, observando que ele “dizia admiravelmente (ouvi-o em ‘Dentro da noite’ e na tradução de ‘O Corvo’ por Machado de Assis)”. Assim, a leitura como a que se encontra no cd *João Cabral de Melo Neto por ele mesmo* é importante documento, tanto pela seleção que o autor fez dos poemas para ler, como pelas possíveis marcas peculiares que imprimiu à leitura (ênfase em determinadas palavras, pausas maiores ou menores, e assim por diante) que, inclusive, podem constituir pelo menos indícios para algum tipo de compreensão ou de interpretação dos textos. Nesse sentido, Manuel Bandeira, na mesma crônica, observa:

A voz do poeta, seu jogo de inflexões, seu acento de emoção nesta ou naquela palavra podem esclarecer muita

mesmo [Eldorado Distribuidora Fonográfica/ Festa, reedição 1999]

coisa que no poema nos parece obscuro, hermético. De minha parte, posso dizer que só compreendi em maior profundidade os poemas de Eliot e de Dylan Thomas depois de os ouvir recitados por eles próprios.

Quase como um parêntese, é ainda de se notar que a leitura pelo próprio autor pode até mesmo ser testemunho não em relação à obra, mas em relação à própria pessoa do autor; isto se dá quando, por exemplo, se percebe que a voz que lê tem algumas características que permitem identificá-la como a de um homem maduro, enquanto outra gravação, feita anos depois, revelará a voz de um homem já envelhecido. Mas são até mesmo algumas dessas marcas humanas que irão contribuir para certos níveis de aproveitamento da leitura. No caso de João Cabral, há pelo menos um outro registro em disco de leitura de poemas de sua autoria lidos por ele mesmo. Também pela gravadora Festa foi lançado um disco em que de um lado estão os poemas de João Cabral lidos por ele e na outra face, poemas de Murilo Mendes também lidos pelo autor. Na capa do disco, os dois foram apresentados por um texto de Tristão de Ataíde. Embora sem data, pode-se supor (a partir da data da crônica de Manuel Bandeira mencionada) que o disco date aproximadamente de finais da década de 1950. O disco fazia parte de uma série que reunia em cada disco dois poetas lendo seus poemas —

Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes e Paulo Mendes Campos, Menotti del Picchia e Emílio Moura, entre outras duplas. Seria o caso de pensar sobre os critérios da associação de cada dupla. Ou melhor, sobre o que poderia unir ou desunir e em que planos a aproximação ou o distanciamento se dariam. O fato é que essa preocupação aparecia nos próprios discos. O texto já referido de Tristão de Ataíde, apresentando João Cabral e Murilo Mendes, reconhecia diferenças, mas tratava de aproximar os dois poetas. Já o texto de Edgard Cavalheiro estampado na capa do disco de Emílio Moura e Menotti del Picchia logo no início ressalta as diferenças entre os dois poetas, “diametralmente opostos” Mas também é fato que esses comentários se circunscrevem ao plano das obras literárias; seria possível pensar as aproximações e distanciamentos no plano mesmo das leituras. Talvez a comparação das peculiaridades de leitura pudesse ajudar a perceber o que a audição seria capaz de extrair de cada leitura em termos do papel que acaso desempenhassem na compreensão dos textos. No caso de João Cabral e Murilo, seria possível pensar em como são bem distintas suas leituras e em como essas distinções podem ter a ver não apenas com as peculiaridades pessoais, mas com as características da poesia de cada um e com a noção que cada um tem de sua própria poesia. A gravação do disco de João Cabral recentemente (1999)

relançado em cd é posterior à do disco em conjunto com Murilo Mendes. Foi feita nos dias 16 e 17 de fevereiro de 1969, em Barcelona. No disco mais antigo, o número de poemas era bem mais reduzido — apenas 8. No cd, o número de poemas é 18, cobrindo quase todos os livros (com exceção de *Uma faca só lâmina*) até então publicados por João Cabral (o último deles foi *A educação pela pedra*, de 1966). A ausência de *Uma faca só lâmina* talvez se possa compreender pela dificuldade de isolar trechos, supondo-se que fragmentos do poema pudessem não ser suficientemente bem percebidos em seu sentido. A suposição encontra apoio no fato de, na sua *Antologia poética*, o poema se apresentar na íntegra, e não por meio de trechos. Já no caso de outros poemas longos, como “Morte e vida severina” e “O rio”, o poeta lê trechos dos mesmos.

Há uma situação nessas escolhas que é bastante esclarecedora em termos do entendimento que se deve procurar ter da estruturação do poema. Tal se dá em outro poema longo, “Os três mal-amados”. Aí, em vez de ler um fragmento com a sucessão das falas dos personagens, o poeta optou por ler as falas de um único personagem. Com isto salientou o fato de que o poema se compõe de segmentos com duas orientações de leitura — uma, em que os segmentos de cada personagem têm suficiente autonomia, e outra em que ganham novo significado justamente na alternância dos seg-

mentos dos diferentes personagens. Em fases posteriores, essa possibilidade se apresentará de modo mais elaborado e complexo, sendo a base da estruturação mesma dos poemas.

Na leitura de João Cabral, logo à primeira audição percebem-se várias vacilações do leitor — palavras mal emitidas, oscilações entre uma palavra e outra, como se o leitor tivesse perdido o ponto do texto em que estava; tropeços na emissão da palavra; e assim por diante. Mas se o ouvinte tiver os poemas na memória ou se acompanhar a audição com o texto à sua frente, poderá perceber situações que vão além desses pequenos percalços. Assim, em “Os três mal-amados” ocorrem situações em que o texto sofre de fato pequenas alterações. No trecho em que se lê “O amor comeu na estante todos os meus livros de poesia. Comeu em meus livros [...]”, ouve-se “O amor comeu na estante todos os meus livros poesia. O amor comeu em meus livros [...]”. Aí o poeta-leitor repete no início da segunda frase “o amor” que aparece no início da primeira. No trecho em que se lê “o aquecedor de água de fogo-morto mas que parecia uma usina”, ouve-se “o aquecedor de fogo-morto mas que parecia uma usina”, quando o poeta-leitor omite a palavra “água”. Um pouco adiante, onde se lê “Bebeu as lágrimas dos olhos que, ninguém o sabia, estavam cheios de água”, ouve-se “Bebeu as lágrimas dos olhos que, ninguém o sabia,

estavam cheios de lágrimas”, quando o poeta-leitor substitui “água” pela repetição de “lágrimas”. Os exemplos são vários. Mesmo que se levantasse a hipótese de aí o poeta estar introduzindo variantes, melhor seria considerá-las como erros tipográficos, ou melhor, como lapsos de escrita, ou melhor ainda, como lapsos de fala. Na verdade, estão aí tropeços de um leitor não profissional, mas são tropeços que também podem ensinar alguma coisa — uma leitura que não se representa como tal e que não foge de certas asperezas.

Voltando a Manuel Bandeira, mas em outra crônica em que também tratou de poetas que lêem seus poemas. Em crônica de 5 de janeiro de 1958, intitulada “Discos”, Bandeira acrescenta comentários um pouco diferentes:

Não importa que os nossos poetas se tenham mostrado fraquíssimos *diseurs*. Aliás era de esperar. Eles nunca dizem os seus versos, de sorte que quando são postos diante de microfone ficam cheios de dedos, quero dizer de dentes, articulam mal, não conseguem dar ao discurso poético as inflexões exatas.

Voltando agora aos tropeços da leitura de João Cabral, que num certo sentido então poderia ser considerado um fraquíssimo *diseur* etc. A (má) leitura de João Cabral na verdade tem afinidade com o subtítulo da “An-

tiode”: “contra a poesia dita profunda” Uma indagação: seria possível por meio da audição dessa leitura tentar perceber elementos relacionados com o elaborado sistema métrico da poesia cabralina? Talvez os tropeços da leitura criem alguns empecilhos, mas por outro lado são elementos que compõem o tom corrente, justamente a não impositação que essa poesia pede, e por onde se pode começar a aprender alguma coisa sobre ela.

Júlio Castañon Guimarães é autor de *Territórios/ conjunções* — poesia e prosa, críticas de Murilo Mendes [Imago, 1993] e do livro de poemas *Matéria e paisagem e poemas anteriores* [Sete Letras, 1998].